

EDUCAÇÃO E RESISTÊNCIA APÓS AUSCHWITZ: COMO EVITAR A CONTÍNUA PRODUÇÃO DA BARBÁRIE

Wuldson Marcelo Leite Souza*
Maureci Moreira de Almeida*

Resumo

O presente artigo propõe uma reflexão em torno de uma educação contra a barbárie, da influência da indústria cultural no comportamento das pessoas, do avanço tecnológico que, por sua vez, reforça a barbárie por meio de uma razão instrumental, objetiva e fria. O filósofo Theodor W. Adorno realizou profundos estudos sobre os mecanismos que favoreceram uma ideologia fundada na técnica e na indiferença para expansão de uma produção social que culminou no desapeço ao indivíduo. O seu ensaio *Educação Após Auschwitz* dá indícios de como a educação pode se tornar resistente a essa lógica brutalizante da instrumentalização da razão.

Palavras chaves: educação, barbárie, emancipação.

Abstract

This article proposes a reflection on the ideas of education against barbarism, the influence of cultural industry on human behavior, and the technological development which, in its turn, reinforces barbarism by means of an objective, cold and instrumental reason. The German philosopher Theodor W. Adorno developed comprehensive studies on the mechanisms that helped an ideology based on the technique and on the indifference directed to the expansion of a social production which culminated in a certain contempt towards the individual. His essay *Education after Auschwitz* gives us some indications of how education can become a form of resistance against this brutalizing logic of instrumentalization of reason.

Key-words: education, Adorno, barbarism, emancipation.

Neste incipiente século XXI, um movimento de questionamentos acerca do rumo dos progressos da humanidade invadiu os noticiários, as ruas, os congressos estudantis, porém,

*Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea – ECCO/UFMT e Bacharelado em Filosofia pela UFMT. E-mail: wuldsonbergman@hotmail.com

*Bacharelado e Licenciatura em Filosofia pela UFMT, trabalha atualmente na formação continuada de professores no Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica - CEFAPRO de Pontes e Lacerda-MT. E-mail: mauro_klug@hotmail.com.

infelizmente, de pouca abertura no cerne da política representativa. Temas geridos, com mais timidez na década de 90 do século passado, como ecologia, justiça social, relações comerciais igualitárias, dentre outros, revelam-se em voga hoje, recebendo de diversos setores da sociedade um tom de urgência.

Assuntos que precisam ser debatidos sem ardis escapatórios; por isso, se faz necessário refletir sobre o diadema (o progresso) que orna nossas cabeças. Como é possível que demonstremos a incapacidade de nos relacionar intimamente com as pessoas que estão a nossa volta e, ao mesmo tempo, descobrir formas de tornar uma cirurgia cardíaca menos demorada e mais eficaz? Como exigir paz se assistimos com indiferença uma criança faminta pedir alimento ou dinheiro?

Em *Da violência*, Hannah Arendt oferece uma constatação assustadora quando expõe sua preocupação sobre o fato de que viagens à lua parecem ser menos perigosas que uma simples excursão de fim de semana.

[...] mas o suposto “maior poder do mundo” é impotente para acabar uma guerra claramente desastrosa para todas as partes envolvidas, em um dos menores países da Terra. É como se estivéssemos sob um encantamento de conto de fadas, que nos permitisse realizar o “impossível” com a condição de que perdêssemos a capacidade de realizar o possível, de alcançar de forma fantástica efeitos extraordinários, com a condição de não sermos mais capazes de preencher as nossas necessidades diárias (ARENDR, 1985, p. 48).

As façanhas tecnológicas, ao longo dos últimos três séculos, não dirimiram o fosso existente entre continentes; não tornaram “pálidas manchas” a divisão entre classes – os mais abastados contra os miseráveis – em regiões desenvolvidas ou subdesenvolvidas; não resultaram em progresso contínuo para todos os povos. Devemos, por exemplo, reconhecer os avanços conquistados por uma engenharia voltada para o aperfeiçoamento dos modos de produção, das ciências médicas, dos projetos de urbanização. Contudo, há uma parte que desencadeou estratégias de dominação: guerra preventiva, máquinas capazes de fazer o trabalho de cinquenta pessoas, o que gerou desempregos em alta escala. Parece plausível o que anunciaram Adorno e Horkheimer, que “o progresso irrefreável é a irrefreável regressão” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 46).

Imersos em um cotidiano que nos desafia a todo instante a fugir da exclusão, a

abandonar a arena do poder de decisão política, a buscar a constante renovação do nosso conhecimento tecnológico, corremos desesperadamente atrás do “sonho dourado” da ascensão social ou da manutenção do acúmulo de posses. Essa busca incessante pelo consumo, conforto e *status social* provocaram a cisão entre a conquista e o prazer: hoje não se pode mais parar. A corrida não leva à linha de chegada, o que conta é ficar o máximo na dianteira. Zygmunt Bauman especifica a visão suscitada nos primeiros anos da Modernidade, no que concerne à expectativa de uma vida cômoda, repleta de privilégios, e que nos afeta, ainda, na atualidade, “A sociedade ‘boa’ ou mesmo ‘totalmente boa’, prevista nas utopias era uma sociedade que iria acabar de uma vez por todas com as ansiedades mais típicas da classe média” (BAUMAN, 2009, p. 65). Entretanto, a Modernidade descarrilou em algo mais perverso do que o simples fracasso de uma disposição social de uma classe em ascensão. Novamente, Bauman pode nos esclarecer como ocorreu o aspecto mais sombrio do século XX, o Holocausto (e por razões análogas, mas não na mesma medida, Hiroshima, o Vietnã, etc.):

O Holocausto nasceu e foi executado na nossa sociedade moderna e racional, em nosso alto estágio de civilização e no auge do desenvolvimento cultural humano, e por essa razão é um problema dessa sociedade, dessa civilização e cultura. A autocura da memória histórica que se processa na consciência da sociedade moderna é por isso mais do que uma indiferença às vítimas do genocídio. É também um sinal de perigosa cegueira, potencialmente suicida (BAUMAN, 1998, p. 12).

O ponto máximo do processo de civilização elevaria a técnica e a organização científica ao patamar de solucionadoras dos principais problemas humanos (a fome, a produção de alimentos, a erradicação de doenças, etc.), mas o fator moral pareceu ser uma interferência indesejável, o que culminou nas barbáries assistidas no século XX. No texto *Educação após Auschwitz*, o filósofo alemão Theodor W. Adorno ao analisar os motivos pelos quais a barbárie se propaga, e em qual solo fértil ela germina, aponta que Auschwitz somente foi possível porque a indiferença – entendida como a incapacidade para a identificação na dor do Outro – e a constância cega a uma autoridade que conclama à coletivização circunscreveram um modelo coletivo de retração do medo. Assim, no caso particular de Auschwitz, podemos especular que a frieza da razão instrumental e seu apego ao cálculo, encontraram o prazer retirado das práticas sádicas mais virulentas. Mas como pensar o problema da indiferença? E a

expectativa em torno da educação como promotora de formas para se evitar a barbárie? Para Adorno (1995a, p. 125), “O perigo de que tudo aconteça de novo está em que não se admite o contato com a questão, rejeitando até mesmo quem apenas a menciona, como se, ao fazê-lo sem rodeios, este se tornasse o responsável, e não os verdadeiros culpados”.

A barbárie se embutiu no processo de desenvolvimento civilizatório, contrariando a perspectiva de que tudo que fosse pré-moderno (mais vinculados aos instintos e o sentimento de autopreservação que dispensavam os limites morais) com o advento da modernidade (no qual a noção de que a Razão seria a expoente de um mundo que tendia a superação dos temores ancestrais e de decisões baseadas em termos lógicos, racionais) ficaria para trás como que ultrapassado por um estágio irreversível. Hoje, no mundo contemporâneo, podemos ver e sentir a barbárie em múltiplas manifestações. Da esfera do comportamento das pessoas, até em eventos maiores, como as guerras declaradas - civis e militares - e a guerra cotidiana pela sobrevivência que incorpora muitas vezes as táticas bélicas e a personalidade de um soldado besta-fera, que segundo Adorno, evidencia uma profunda discordância entre o avanço tecnológico e o atraso das pessoas em relação à sua civilização e ao seu modo de agir.

Assim, temos, por exemplo, as guerras promovidas pelos Estados Unidos, nos anos 1990, no Golfo Pérsico, a invasão do Afeganistão, em 2001, e logo depois a do Iraque, amparada quase sempre pela coalizão da beligerante Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Estas duas últimas tiveram como mote a retaliação do ataque ao *World Trade Center* pela *Al-Qaeda*. Devem-se citar as infindáveis guerras civis no continente africano: Somália, Uganda, Serra Leoa, Ruanda, Sudão. As guerras contemporâneas promovem verdadeiros espetáculos televisivos exibidos muitas vezes em tempo real pelas emissoras de TV que se ajustam perfeitamente com a pretensão das forças armadas de divulgar o engodo da guerra cirúrgica motivada pela democracia e pela liberdade, mostrando a eficiência dos bombardeios e as ações dos soldados treinados para matarem de maneira precisa. No outro lado, a complacência de uma sociedade que se satisfaz, em certa medida, ao assistir seres humanos digladiando-se e sendo dilacerados. Até mesmo reconhecendo da maneira sôfrega: tudo isto é uma pena, mas não tenho nada a ver com isso.

Em *Educação após Auschwitz*, Adorno aponta que a falta de amor já de antemão faz parte das características das pessoas, pois, numa organização social que visa à dominação, um estado de frieza se produz concomitantemente com a necessidade de amor. No entanto, o filósofo alemão diz que não pretende pregar o amor, até porque tal intento seria ineficaz, “Pregar o amor pressupõe naqueles a que nos dirigimos uma outra estrutura de caráter,

diferente da que pretendemos transformar. Pois as pessoas que devemos amar são elas próprias incapazes de amar e por isto nem são tão amáveis assim” (ADORNO, 1995a, p. 134-135). Mais adiante revela perspicazmente que,

(...) o incentivo ao amor provavelmente na forma mais imperativa, de um dever – constitui ele próprio parte de uma ideologia que perpetua a frieza. Ela combina com o que é impositivo, opressor, que atua contrariamente à capacidade de amar. Por isto o primeiro passo seria ajudar a frieza a adquirir consciência de si própria, das razões pelas quais foi gerado (*Ibidem*, p. 135-136).

Aos perpetradores de *Auschwitz* tecer vínculos com o Outro - no caso as vítimas judias, ciganas e os adversários nas trincheiras – encontrava o obstáculo da indiferença ou a necessidade de recusar o amor de pessoas com as quais ele teria de lidar, posteriormente, com elas como números a preencher a estatística ou resultados de um prognóstico essencialmente burocrático. O conteúdo afetivo que restava, que pode ser percebido como uma vaga capacidade de amar, era subsumido no apreço as máquinas tecnológicas, “brinquedos” mortíferos, que deveriam manipular e controlar com destreza.

Esta é a sociedade da semicultura, pois a manifestação da violência e da frieza, além do cinismo e do sarcasmo despropositados, são umas das suas particularidades. O indivíduo semicultivado é mais suscetível a influência de discursos beligerantes calcados em valores nobres e às sugestões de um *mass media* que despeja constantemente “iscas” para a produção dos mais diversos tipos de volições. Portanto, o seu discernimento é um pseudodiscernimento moldado em conformidade com as interpretações e equívocos de um sistema voltado para o consumo, geração de capital e acúmulo de bens.

Contra essa barbárie, que se tornou mais aguda e dolorosa com o capitalismo, Adorno afirma que é necessário reordenar todos os esforços objetivos que a educação propõe para impedir que a agressividade e o ódio primitivo venham destruir o que levamos algum tempo para edificar. Desse modo Adorno e Horkheimer (1985, p. 46) nos dizem:

A humanidade, cujas habilidades e conhecimentos se diferenciam com a divisão do trabalho, é ao mesmo tempo forçada a regredir a estágios antropológicamente mais primitivos, pois a persistência da dominação

determina, com a facilitação técnica da existência, a fixação do instinto através de uma repressão mais forte. A fantasia atrofia-se. A desgraça não está em que os indivíduos tenham se atrasado relativamente à sociedade ou à sua produção material. Quando o desenvolvimento da máquina já se converteu em desenvolvimento da maquinaria da dominação – de tal sorte que as tendências técnicas e sociais, entrelaçadas desde sempre, convergem no apoderamento total dos homens – os atrasados não representam meramente a inverdade. Por outro lado, a adaptação ao poder do progresso envolve o progresso do poder, levando sempre de novo àquelas formações recessivas que mostram que não é o malogro do progresso, mas exatamente o progresso bem-sucedido que é culpado de seu próprio oposto. A maldição do progresso irrefreável é a irrefreável regressão.

Portanto, para que a humanidade sobreviva é necessário um diagnóstico mais preciso da barbárie; pois ela se manifesta na forma da divisão do trabalho e na exploração dos recursos naturais e humanos, desse modo, ocasionando barbáries que acabam tendo implicações mais profundas. Talvez o prejuízo se acentue mais sobre os indivíduos, pois são os agentes responsáveis pela transformação do seu meio, acarretando consequências irreversíveis na degradação da natureza podendo desencadear até mesmo a extinção da própria espécie humana.

Dessa forma, a barbárie é ainda reforçada no modelo de educação vigente, onde os momentos repressivos e opressivos repetem velhos comportamentos autoritários, dando margem para o nascimento, como diz Max Horkheimer, de um neobarbarismo³³ ou de uma nova forma de barbárie que impede de certo modo o avanço do indivíduo para uma situação mais autônoma. O século XX assistiu inúmeras façanhas da ciência moderna como, em igual medida, presenciou desastres humanitários atroz, a saber: Hiroshima, em 1945, o ataque do governo iraquiano a minoria curda, em 1981, os bombardeios teleguiados da coalizão anglo-americana a população civil afegã, a partir de 2001. O sociólogo brasileiro Michel Löwy, em texto no site sociologos.org.br, investigando o cruzamento entre barbárie e modernidade, observa que o uso da técnica recrudescer a desumanidade ligando-a à processos de instrumentalização da sociedade e do progresso que não tornaram o mundo mais seguro, livre e igualitário.

Levar em conta a barbárie do século XX exige o abandono do progresso linear. Isso não quer dizer que o progresso técnico e científico é

³³ Cf. Horkheimer, Max. *Eclipse da Razão*. Tradução Sebastião Uchoa Leite. – São Paulo, 2002, p.10.
ISSN 1984-3879, SABERES, Natal – RN, v. 2, n.esp, jun. 2011

intrinsecamente portador de malefício - nem tão pouco o inverso. Simplesmente, a barbárie é uma das manifestações possíveis da civilização industrial/capitalista moderna – ou de sua cópia “socialista” burocrática (LÖWY, 2010).

Löwy discorda que os eventos, como *Auschwitz* e Hiroshima, são aspectos de uma “regressão à barbárie”. Ele argumenta que não existe nada em nosso passado comparáveis aos acontecimentos técnicos do século XX, tais atrocidades pertencem à nossa civilização industrial avançada. Nesse ponto, há de se admitir, que apesar do raciocínio de Löwy invariavelmente ter que abarca a linha de pensamento dos filósofos frankfurtianos, ele escapa da compreensão das brutalidades modernas serem similares as de um passado tribal. O importante aqui, na referência a Löwy, é perceber que em Adorno a barbárie, ou os crimes de tal aparência cataclísmica, são “regressivos” pois criam um elo com o passado que a racionalização das relações sociais prometera deixar para trás. Uma rotina mais equânime, desvinculadas da justiça “olho por olho” de antanho, era o que se ouvia da “porta do paraíso” que a razão – na sua forma de instituições e leis – fazia soar como possibilidade de retidão e recompensa pelo sacrifício de se aderir voluntariamente ao pacto social tácito de respeito a ordem vigente. Todo o empreendimento racional necessitava de veículos para fazer perdurar seus intentos de disciplina e administração regular. Para o sucesso da empreitada do poder político, que assume seus propósitos como projeto racional, o trabalho, a cultura, o desejo de ascensão social contribuíram para restringir a liberdade interior do contribuinte do Estado. Restrição as dádivas do produto de seu trabalho e o afastamento completo da “arena” das decisões políticas são herdadas do processo agudo de industrialização que sufoca a cultura e a reproduz com verniz mercadológico enviesado por ideologias que sustentam o progresso como *telos*, “Justamente esses momentos repressivos da cultura produzem e reproduzem a barbárie nas pessoas submetidas a essa cultura” (ADORNO, 1995a, p. 157).

Ainda, de acordo com Adorno, mesmo o processo de desbarbarização, num determinado momento contém uma ação bárbara que se mostra através das revoltas; um exemplo foram as manifestações em algumas partes do mundo contra a invasão do Iraque onde os manifestantes queimaram a bandeira estadunidense e entraram em conflitos com a polícia, muitas vezes tendo como saldo trágicas mortes em pleno ato de protesto. Dessa maneira Adorno declara:

Portanto, creio que na luta contra a barbárie ou em sua eliminação existe um momento de revolta que poderia ele próprio ser designado como bárbaro, se partíssemos de um conceito formal de humanidade. Mas já que todos nós nos encontramos no contexto de culpabilidade do próprio sistema, ninguém estará inteiramente livre de traços de barbárie, e tudo dependerá de orientar esses traços contra o princípio da barbárie, em vez de permitir seu curso em direção à desgraça (*Ibidem*, p. 158).

Adorno afirma também que certa dose de rigor e autoridade se faz necessária na educação das crianças e na conduta social (nunca, em hipótese alguma, confundi-la com o autoritarismo próprio das personalidades autoritárias que fomentaram o nazismo e todos os regimes fascistas que assolam, ou assolaram, a humanidade, com seus delírios coletivos e – em outro extremo - atos individuais repulsivos - como a pedofilia, o assassinato por motivos torpes, banais, a violência contra as mulheres, etc.), e que baseada em princípios da racionalidade, no qual vigore a ética, o respeito mútuo, embora possa parecer, não constitui barbárie, pois, Adorno enfatiza que a “educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma auto-reflexão crítica” (*Ibidem*, p. 121). Podemos concluir que tanto a vigilância como a tutoria intelectual ferem a ideia de auto-reflexão crítica proposta por Adorno, assim como a violência que não possui situações que a justifiquem ou resultados que carreguem sua validade.

Outro aspecto da barbárie que não poderíamos deixar de apresentar com relação à educação é a competitividade instigada entre os alunos pelos professores, que no fundo é muito prejudicial, despertando neles alguns sentimentos negativos: a superestima, que torna o aluno envaidecido de um saber que na realidade é muito restrito, superficial e específico; e a baixa-estima, na outra vertente, que, notoriamente, bloqueia as capacidades do aluno, o que pode culminar no *bullying* que é uma forma de perseguição dos mais fortes, populares e considerados “normais” em relação aos destoantes, seja de um tipo físico fora do idealizado, da escolha de um vestuário que está fora do padrão estabelecido, ou ainda simplesmente pelos gestos corporais que não correspondem ao mundo machista e sexista predominante no qual vivemos. Isso é a reafirmação de uma semiformação e da semicultura que tem outro elemento que dificulta ainda mais a superação dessa barbárie: a indústria cultural. Ela implanta sua própria ideologia que está localizada em uma pretensa formação (que se ampara na ideia da mídia educadora), na informação e no entretenimento que resulta em deformação. De modo que há uma coesão nesse sistema da produção cultural industrializada. As pessoas continuam vivenciando fracassos, um intermitente sentimento de culpa e uma espécie de passividade

subjetiva inerente às suas características que tem como consequência a agressão, a violência, ou seja, a barbárie. Adorno, dessa maneira nos diz: “Tudo isto é muito procedente, tem uma ampla divulgação e poderia ser levado em conta pela educação na medida em que ela finalmente levar a sério as conclusões apontadas por Freud, em vez de substituí-las pela pseudopropriedade de conhecimentos de terceira mão” (ADORNO, 1995a, p. 163-164). Adorno ainda afirma que, além dos fatores do sujeito ou subjetivos, há um dado objetivo da barbárie que ele denominou de falência da cultura:

A cultura, que conforme sua própria natureza promete tantas coisas, não cumpriu a sua promessa. Ela dividiu os homens. A divisão mais importante é aquela entre trabalho físico e intelectual. Deste modo ela subtraiu aos homens a confiança em si e na própria cultura. E como costuma acontecer nas coisas humanas, a consequência disto foi que a raiva dos homens não se dirigiu contra o não-cumprimento da situação pacífica que se encontra propriamente no conceito de cultura. Em vez disto, a raiva se voltou contra a própria promessa ela mesma, expressando-se na forma fatal de que essa promessa não deveria existir (*Ibidem*, p. 164).

Assim esse estado de falência da cultura, de opressão social contínua e de deslocamento da função da cultura, moldam a consciência dos indivíduos de maneira ampla, dificultando a reversão dessa situação. Entretanto, é por meio de uma educação que não tenha a pretensão de realizar “milagres”, e sim de resistir a essa conjuntura, dada pela produção capitalista da técnica ampla estendida para todos os aspectos da vida. Marildo Menegat (2003, p. 250) afirma, “Infelizmente, Adorno acertou no seu diagnóstico de que a sociedade moderna tende à socialização total”. A educação, mesmo que não seja a “salvadora da pátria”, pode fomentar possibilidades de estratégias para transformar os homens, não em seres passivos e inofensivos, mas em indivíduos autônomos com capacidade de discernimento; pois, segundo Adorno, “[...] esta passividade inofensiva constitui ela própria, provavelmente, apenas uma forma da barbárie, na medida em que está pronta para contemplar o horror e se omitir no momento decisivo” (*Ibidem*, p. 164). É preciso considerar que a educação precisa ativar dispositivos para uma autorreflexão crítica e que “o centro de toda educação política deveria ser que Auschwitz não se repita” (*Ibidem*, p. 137).

A indústria cultural constitui o elemento, senão o mais poderoso, mais influente para a permanência desse sistema social. Porém, Adorno indica que o enfrentamento contra a

barbárie – e podemos também pensar isso em relação à indústria cultural – deve ter início na primeira infância, pois nessa idade as adequações decisivas e definitivas impostas pela sociedade não se cristalizaram, sendo que se deve deixar toda expressão de agressão aflorar nessa fase da criança, mas ao mesmo tempo não se pode deixar escapar a elaboração dessa agressão.

(...) a educação precisa levar a sério o que já de muito é do conhecimento da filosofia: que o medo não deve ser reprimido. Quando o medo não é reprimido, quando nos permitimos ter realmente tanto medo quanto esta realidade exige, então justamente por essa via desaparecerá provavelmente grande parte dos efeitos deletérios do medo inconsciente e reprimido (Adorno, 1995a, p. 129).

Do outro lado, a resistência a este sistema econômico-político, mais especificamente a indústria cultural, deveria a exemplo do tratamento da agressividade na primeira infância, ser adotado, já numa faixa etária onde a compreensão das crianças é maior – uma abordagem pela educação dos produtos da indústria cultural, que faria uma leitura crítica, por exemplo, de filmes, músicas ou programas televisivos que engendraria uma geração crítica e atípica ao invés de descendentes condescendentes e apáticos de um mundo deteriorado pela falência das ambições “modernizantes” de liberdade absoluta e individualismo soberano.

Com isso, os primeiros efeitos da desbarbarização não iriam surgir de imediato, mas num processo contínuo de transformação, ao longo das gerações futuras. Outro recurso sugerido por Adorno contra a barbárie é com relação à autoridade. Entretanto, uma autoridade que esteja regida não nos princípios da violência, mas numa autoridade consciente e esclarecida. Adorno, nesse sentido, argumenta:

Determinadas manifestações de autoridade, que assumem um outro significado, na medida em que já não são cegas, não se originam do princípio da violência, mas são conscientes, e, sobretudo, que tenham um momento de transparência inclusive para a própria criança; quando os pais ‘dão uma palmada’ na criança porque ela arranca as asas de uma mosca, trata-se de um momento de autoridade que contribui para a desbarbarização (*Ibidem*, 1995, p. 167).

Adorno prossegue dizendo que:

Contudo, creio que justamente as crianças que são anêmicas no sentido das concepções vigentes dos adultos e também dos pedagogos, as chamadas plantas de estufa, com as quais foi exitosa já precocemente como que uma sublimação da agressão, serão também como adultos ou como adolescentes aqueles que são relativamente imunes em face das agressões da barbárie. O importante é precisamente isto. Acredito ser importante para a educação que se supere este tabu acerca da diferenciação, da intelectualização, da espiritualidade, que vigora em nome do menino saudável e da menina espontânea, de modo que consigamos diferenciar e tornar tão delicadas as pessoas no processo educacional que elas sintam [...] vergonha [...] (ADORNO, 1995a, p. 163-164).

Portanto, não basta somente a repulsão da barbárie, é importante sentir vergonha dela, como já indicava Sigmund Freud. Notório que ela é uma das características humanas, que serviu nos primórdios do desenvolvimento do homem, como mecanismo de autoconservação, mas no processo de civilização, ela perdeu se podemos dizer assim, sua utilidade, tornando-se agora uma ameaça; pois se converteu em pura violência gratuita, e em muitos momentos servindo de trunfo nas mãos daqueles que querem subjugar e dominar os mais fracos. Ou o uso insidioso dos mais fracos para dobrar os fortes.

Hannah Arendt, apesar das discordâncias entre sua visão de viés fenomenológico e as teses de Adorno sobre a violência e sua análise histórica, contribui aqui pela preocupação irrestrita quanto ao problema da violência e a barbárie, por perceber a extensão do procedimento da razão instrumental que procura se efetivar pela violência o mais rápido possível abandonando, dessa maneira, qualquer apelo a argumentos.

A violência, sendo instrumental por natureza, é racional até o ponto de ser eficaz em alcançar a finalidade que deve justificá-la. E já que quando agimos, jamais saberemos com certeza quais serão as eventuais consequências, a violência só pode manter-se racional se buscar objetivos a curto-prazo. (ARENDR, 1985, p. 44)

A razão instrumental faz uso da violência instrumentalizada, propagando fins que não atendem a meios que deveriam proteger os vínculos civilizacionais entre os membros da

espécie humana. O nosso atual sistema político, social, econômico, religioso, educativo e a indústria cultural são os responsáveis por manterem a barbárie no repertório ideológico capitalista. Ela necessita da ignorância – no que diz respeito a formação intelectual – para sustentar interesses mesquinhos e individualistas em uma sociedade administrada na qual grupos do citado sistema, do que se convencionou chamar de classe dominante, atacam as entranhas psicológicas, comportamentais, emocionais dos que estão fora dessa esfera do poder. Um cotidiano que a cada girar do ponteiro do relógio parece potencializar a fragilidade das relações humanas.

Adorno, em seu texto *Sobre o sujeito e o objeto*, caracteriza o árido pressuposto idealista-transcendental que efetivava o sujeito como pedra molar da compreensão dos mecanismos da existência.

A construção idealista do sujeito fracassa em sua confusão com algo objetivo como um ser-em-si, algo que ele precisamente não é: segundo a medida do ente, o sujeito é condenado a não ser nada. O sujeito tanto mais é quanto menos é, e tanto menos quanto mais crê ser, quanto mais se ilude em ser algo para si objetivo (ADORNO, 1995b, p. 198).

A cilada se comporia em atestar o ser humano, em suas edificações racionais, como fundador de todas as formas de conhecer, anulando assim, os sentidos, a imaginação e os conhecimentos apreendidos da natureza sem a mediação de um conjunto de regras promulgadas pela razão. Talvez esteja aí imbricado nesse movimento racional objetivista uma subjetividade que se desmancharia por completo no fim do processo objetivo de apreensão do mundo, que seria um grilhão que prende o indivíduo ao jogo instituído, talvez na Modernidade – ou se supormos estar na pós-modernidade – entre a liberdade absoluta e a segurança castradora. Por conseguinte, essa breve excursão mental não está habilitada a discorrer sobre o conflito dessa dicotomia apontada por Freud.

Portanto, podemos concluir que escapismos ligeiros proporcionados por uma indústria cultural que visa a expansão de seus bens mercadológicos ou instituições que não cumprem seu papel de salvaguardar sentimentos como a justiça, a liberdade, a democracia – família, trabalho, órgãos públicos, Estado – sejam responsáveis pela explosão de violência por toda parte que vivemos hoje. Andamos ignorados, narcotizados, infantilizados, excluídos do centro do poder. Por isso uma educação que se contraponha e resista a este *status quo* é

fundamentalmente importante. Para isso, é preciso que se diga que resistir ainda faz parte do processo de emancipação intelectual, de autonomia e de uma sensibilidade que rejeitaria a barbárie em qualquer circunstância, tanto na vida subjetiva quanto na objetiva.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. *Educação e Emancipação*. Tradução Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1995a.

_____. *Palavras e sinais: modelos críticos 2*. Tradução Maria Helena Ruschel. Petrópolis: Vozes, 1995b.

_____. & HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ARENDT, Hannah. *Da violência*. Tradução Maria Cláudia Drummond Trindade. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.

BAUMAN, Zygmunt. *A arte da vida*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 2009.

_____. *Modernidade e holocausto*. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

HORKHEIMER, Max. *Eclipse da razão*. Tradução Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Centauro, 2002.

LÖWY, Michel. *Barbárie e modernidade no século 20*. Do site: <http://www.sociologos.org.br/textos/forumsocial/Artigo%20de%20Michel%20%20Lowy%20sobre%20modernidade.htm>. Acesso em 16 de junho de 2010, às 18 h.

MENEGAT, Marildo. *Depois do fim do mundo: a crise da modernidade e a barbárie*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2003.